

DINÂMICA ESPACIAL DA FEIRA LIVRE DE CRUZ DAS ALMAS: UMA LEITURA A PARTIR DAS PROPOSIÇÕES DE GESTÃO E PLANEJAMENTO MUNICIPAL

Prof. Daciane de Oliveira Silva

Graduada em Administração pela UEFS

Especialista em Controladoria pela Faculdade Visconde de Cairu

Mestranda em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela UNEB

Professora do curso de Administração da FAT e da FAMAM

E-mail: dacianesilva@yahoo.com.br

RESUMO:

As feiras livres surgiram no século XI e constituem-se em um comércio antigo, contribuem para a sobrevivência de inúmeras famílias, principalmente no Nordeste brasileiro, onde foram responsáveis pelo surgimento de diversas cidades. Trata-se de uma importante atividade econômica que promove um dinamismo local e regional. No presente artigo, analisa-se a feira livre de Cruz das Almas sob a ótica da gestão e do planejamento municipal. Em termos de procedimentos metodológicos optou-se pela aplicação de entrevistas a feirantes, clientes e gestores da cidade e na análise de documentos institucionais como o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) e de outros documentos do setor de tributos e convênios. Como resultado parcial, infere-se que a feira livre possui problemas estruturais, principalmente em relação à gestão dos espaços públicos que necessitam de um conjunto de ações de caráter técnico e de incentivos à abertura de canais de participação dos feirantes através da Associação dos Barraqueiros e Feirantes de Cruz das Almas (ABAFACA) na elaboração de políticas públicas para o referido mercado periódico.

Palavras-chave: Feira livre. Gestão urbana. Planejamento municipal. Associação de Barraqueiros e Feirantes.

INTRODUÇÃO

O comércio nas áreas urbanas das pequenas e médias cidades apresenta-se como formal e informal. O comércio formal procura se modernizar cada vez mais em um contexto de acirrada competitividade. O informal ocorre em várias partes da cidade e se expressa espacialmente explícita nas feiras livres, mercados seculares que relutam em sobreviver diante de um mercado globalizado caracterizado por uma extrema concorrência. Como forma de contribuir para a sobrevivência da feira livre de Cruz das Almas, este trabalho pretende analisar a dinâmica espacial desta atividade econômica sob a ótica de planejamento e gestão municipal.

As feiras livres são um complexo de relações sociais e econômicas que ocorre dentro de um determinado espaço público. Apresenta relevância irrefutável principalmente no nordeste brasileiro por ser única fonte de renda de inúmeras famílias que por fatores diversos não conseguiram se inserir no mercado de trabalho via empregos e a feira livre é uma das poucas alternativas de sobrevivência. As feiras são geridas pelas prefeituras, caso que também se expressa na feira livre de Cruz das Almas.

A gestão municipal do município de Cruz das Almas assiste ao crescimento desenfreado da feira livre que se ampliou consideravelmente, haja vista a incessante busca de sustento das pessoas. Este aumento contribuiu para a precarização dos espaços públicos da feira livre, pois além de ocupar espaços do mercado municipal e áreas ao redor da feira, como os espaços são limitados e disputados, os feirantes expõem seus produtos no chão, sem higiene e nos espaços destinados a passagem de pedestres e automóveis.

Diante de um mercado formal que oferecem uma infinidade de benefícios a sua clientela, percebe-se que a feira livre de Cruz das Almas precisa do apoio da administração municipal para suprir suas necessidades, em relação à estrutura, organização e limpeza destes espaços públicos. Deste modo, esta pesquisa busca compreender a importância da feira livre de Cruz das Almas como atividade econômica local/ regional e procura entender as formas de intervenção/gestão por parte do poder público local.

A cidade de Cruz das Almas localiza-se na região do Recôncavo Baiano, atualmente denominado de território de identidade Recôncavo, segundo a nova regionalização da Bahia. Abrange uma área de 173,9 km² e uma densidade demográfica e levada de 315,28 hab./km². Sua localização em relação à capital Salvador, é de 146 km, e o acesso pode ser feito através das BR 101 e BR 324. Segundo o censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população de Cruz das Almas é de 58.584 habitantes.

Na cidade de Cruz das Almas, a economia urbana tanto do comércio formal como do comércio informal vem apresentando um crescimento, ao longo dos anos, com a Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (EAUFBA), hoje ampliada e

transformada na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) que atrai estudantes e profissionais de várias partes do estado. Além disso, a cidade possui uma localização privilegiada atraindo pessoas das cidades circunvizinhas, fato torna Cruz das Almas um importante centro regional tanto de produtos como de serviços.

Em termos de procedimentos metodológicos utilizou-se até o presente momento entrevistas com feirantes, clientes, representantes da prefeitura, radialistas e comerciantes do entorno da feira livre. Uma análise documental do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), documentos junto a Secretaria de Tributos e a Secretaria de Convênios.

No decorrer deste artigo discorre-se sobre a feira livre a partir das atividades urbanas no/do espaço urbano, a teoria dos dois circuitos da economia urbana segundo Milton Santos e conceitos de feira livre, a inserção da feira livre no PDDU e problemas estruturais da feira.

1. ATIVIDADES ECONÔMICAS NO/DO ESPAÇO URBANO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA FEIRA LIVRE

Com o advento da globalização, as atividades econômicas do espaço urbano passaram a ser controladas pelas grandes empresas e o Estado sai de cena e passa a defender os interesses do capital.

Para Santos (2000, p. 33) a nova postura do Estado capitalista alegando que “não é que o Estado se ausente ou se torne menor. Ele apenas se omite quanto ao interesse das populações e se torna mais forte, mais ágil, mais presente, ao serviço da economia dominante.” Santos et. al (2004) completa que os objetivos do novo modelo de administração política¹, o que se verifica é o período do comando da economia, período

¹ A administração política é um novo campo do conhecimento que surgiu em 1990, através das inquietações do professor Reginaldo Souza Santos. Esta área é responsável pela gestão das relações sociais de produção e distribuição em sua totalidade. Para este nova metodologia crítica deve-se partir da noção que para qualquer nível de renda (PQNR), deve-se adotar uma política de distribuição/ bem-estar coletivo. Depois desse procedimento, é verificado que se a renda social, depois de distribuída de acordo com critérios socialmente aceitos, não for suficiente para superar a materialidade e garantir certo nível de

no qual o Estado deixa de ser o principal capitalista a regular capitais e passa a ser parceiro dos agentes econômicos. Neste dilema encontram-se as feiras livres, atividade econômica com características de comércio informal, que aguarda ações do Estado para serem lembradas como parte integrante da economia urbana.

Para Assis e Araujo (2009), este período, também chamado de modernização tecnológica, promove de um lado, o aumento e concentração de riqueza e de outro lado, uma redução dos empregos formais nos setores primário e secundário. Qual a relação entre a feira livre e a modernização tecnológica no contexto da globalização econômica? Basta olhar como eram as feiras livres na década de 1970 e as de hoje que nota-se a diferença: nas feiras livres de hoje percebe-se a comercialização de produtos tecnológicos e industrializados. Não se pode pensar em gestão e planejamento de eventos econômicos como as feiras livres sem levar em consideração aspectos macroeconômicos e a dinâmica regional e nacional.

Neste contexto da modernização tecnológica, passam a existir pessoas com necessidades distintas e que atendem a demandas de consumo de grupos sociais específicos. Ao analisar este fato, Santos (1976) propôs a teoria dos dois circuitos da economia urbana, o circuito superior e o inferior. Destarte, independente do nível de crescimento, toda a cidade possui duas áreas de mercado, uma representada pela realidade nova e outra com gostos tradicionais que podem ser facilmente identificados, pois estes dois subsistemas econômicos que atuam lado a lado.

O circuito superior refere-se ao conjunto de atividades realizadas com capital intensivo, resultado direto da modernização tecnológica e a maior parte das relações ocorre fora da cidade, pois possui referência nacional e internacional. Nesta categoria enquadram-se os bancos, as indústrias, os serviços modernos, atacadistas e transportadores. Por outro lado, o circuito inferior apresenta relações locais e são representadas pelos pequenos comércios, pelos feirantes, ambulantes, camêlos e outras formas de pequenos comércios.

bem-estar, é necessário se implantar uma política econômica de crescimento de modo a expandir a riqueza social para níveis humanitariamente requeridos. (SANTOS;RIBEIRO;SANTOS, 2009).

1.1 OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA SEGUNDO MILTON SANTOS E A FEIRA LIVRE DE CRUZ DAS ALMAS

A modernização advinda da estrutura capitalista desorganiza as relações sociais e econômicas a partir do momento que não consegue fornecer empregos suficientes gerando a pobreza. Portanto, aqueles que não se enquadram nos “padrões” da nova ordem econômica encontram abrigo no circuito inferior da economia urbana que se tornam dependentes dos interesses e atividades do circuito superior.

O circuito inferior consiste de atividades em pequenas escalas e são praticadas pela parcela da população que não tem acesso as atividades econômicas do circuito superior, por falta de “qualificação profissional”, expressão praticada pelo capitalismo, haja vista que possuem uma organização primitiva. Referem-se às atividades da economia informal praticadas por ambulantes, carregadores e pequenos comércios, os denominados pobres. Para Santos (2008) contrariamente ao circuito superior, o inferior é bem sedimentado e goza de relações privilegiadas com sua região. Cada circuito forma um sistema, isto é, um subsistema do sistema urbano.

O circuito inferior ocupa um papel regulador entre a economia moderna e as massas empobrecidas que emprega. Será que atualmente os feirantes que ocupam este circuito podem ser chamados de baixa renda? Na pesquisa empírica inicial, percebeu-se que a feira de Cruz das Almas é formada por lavradores feirantes e por feirantes. O negócio da feira rende aos primeiros um salário mínimo e aos segundos, uma renda de três a cinco salários mínimos.

Mesmo diante do capitalismo perverso que privilegia o circuito superior em detrimento do inferior, dados comprovam a importância do circuito inferior como agente de transformação local e regional. Como se pode fazer a leitura deste circuito na atualidade? O que diferencia a feira livre de Cruz das Almas de hoje em relação à década de 1970, ano que Milton Santos criou a teoria dos dois circuitos da economia? Com o surgimento da internet, na década de 1990, a importância do circuito inferior pode ser minorada inclusive para os consumidores de baixa renda. Isto porque a opção

de fazer compras online sem se deslocar de sua cidade a um custo igual ou inferior é um realidade que tende a crescer em todas as cidades.

Como analisar a feira livre de Cruz das Almas a partir da teoria dos dois circuitos da economia? Como entender a dinâmica deste mercado periódico a partir da atualização de questões apontadas por Milton Santos na teoria dos dois circuitos da economia? Esta leitura dos dois circuitos foi desenvolvida por Milton Santos nos anos 1970 e será confrontada com a realidade atual da feira livre de Cruz das Almas.

Quadro 1: Características dos dois circuitos da economia urbana

Característica	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Uso int. de capital	Uso int. de mão de obra
Organização	Burocrático	Primitiva, não estruturada
Capital	Importante	Escasso
Mão de obra/emprego	Limitada	Abundante
Salário regulares/assalariado	Prevalentes	Não requeridos
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequenas quantidades/ Baixa qualidade
Preços	Fixos (em geral)	Negociáveis entre comprador e vendedor (regateio)
Crédito	Bancário, institucional	Pessoal, não institucional
Margem de lucro	Pequena por unidade, mas importante dado o volume de negócios (exceto itens de luxo)	Grande por unidade (pequena em relação ao volume dos negócios)
Relação: fregueses/clientela	Impessoal e/ou por escrito	Direta, personalizada
Custos fixos	Importantes	Negligenciáveis
Propaganda	Necessária	Nenhuma
utilização de mercadorias	Nenhuma (desperdício)	Frequente
Capital de reserve	Essencial	Não essencial
Ajuda governamental	Importante	Nenhuma ou quase nenhuma
Dependência direta de países estrangeiros	Grande; orientação para exterior	Pequena ou nenhuma

Fonte: Adaptado de SANTOS (2003, p.127) e SANTOS (2008, p.44)

Ao fazer um paralelo do quadro 1 com a realidade da feira livre desenvolveu-se o quadro 2: Comparativo das características do circuito inferior segundo Milton Santos x circuito inferior da atualidade

Quadro 2: Comparativo das características do circuito inferior segundo Milton Santos x circuito inferior- a feira livre de Cruz das Almas

Característica	Circuito Inferior Hoje	Circuito Inferior Ontem
Tecnologia	Uso int. de capital	Uso int. de mão de obra
Organização	Estruturada para alguns	Primitiva, não estruturada
Capital	Começa a ter um giro maior neste Mercado	Escasso
Mão de obra	Limitada	Abundante
Salários regulares	Depende dos produtos que comercializa	Não requeridos
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequenas quantidades/ Baixa qualidade
Preços	Fixos e negociáveis	Negociáveis entre comprador e vendedor (regateio)
Crédito	De banco, como empreendedor individual	Pessoal, não institucional
Margem de lucro	Volume maior, vendas para o comércio formal. Pequena por unidade ou grande a depender do volume de negócios.	Grande por unidade, mas pequena em relação ao volume dos negócios

Fonte: Dados da pesquisa (2011).

Este quadro será discutido em detalhes no segundo semestre de 2011, através da pesquisa de campo que será realizada com uma amostra de 262 feirantes ocupantes dos espaços da feira livre de Cruz das Almas e que representam estatisticamente um universo de 818 pontos comerciais distribuídos nestes espaços.

A feira livre atual pode ser considerada como circuito inferior? Por quê? Com o avanço tecnológico, o acesso à informação é uma realidade em todos os âmbitos da sociedade, até mesmo na feira livre que passou a agregar comércios formais, fato que torna a feira uma multiplicidade de atividades econômicas.

1.2 O QUE SERIA UMA FEIRA LIVRE? AS FEIRAS FAZEM PARTE DO CIRCUITO INFERIOR?

As primeiras feiras surgiram desde o século XI quando o homem começou a produzir além do necessário para seu consumo chamado de excedente. “Eram centros de intercâmbio em grande escala, que se esforçavam em reunir o maior número possível de homens e produtos”(PIRENNE, 1982, p. 102). Como sua produção era pequena e estes precisavam de outras mercadorias para satisfazer suas necessidades começaram a criar aglomerações para promover estas trocas e satisfazer as suas necessidades e de outros homens. Este local fora denominado de feiras e que tinham inicialmente função comercial:

O comércio, entendido como uma função urbana na qual as mercadorias são trocadas, tem sua origem ligada à própria história da humanidade. Ele surgiu e se desenvolveu a partir do momento em que passou a existir um excedente de produção, fruto do desenvolvimento das forças produtivas, que levou ao sistema de trocas. (CLEPS, 2003, p.01)

Como a feira livre faz parte do comércio, também está intimamente ligada a história da humanidade. Para Santos, Pinheiro e Santos (2009), muitas cidades surgiram e cresceram com a colonização e até hoje exercem importância econômica e política. O mesmo aconteceu no Nordeste, várias cidade se emanciparam em decorrência da vigor de suas feiras livres, única forma de comércio na história urbana brasileira que deu origem as cidades. Isto se confirmou no caso de Cruz das Almas, onde o surgimento da feira livre está relacionado à fundação da cidade.

A origem da cidade de Cruz das Almas não se restringiu a simples fixação da cruz de madeira no centro do pequeno povoado, mas também com os fluxos promovidos pelos tropeiros e outros tipos de comerciantes que precariamente começaram a formar uma pequena comunidade, vila e finalmente a cidade de Cruz das Almas. Antigamente o fluxo de mercadorias acontecia via portos que ligavam o Recôncavo e Sertão a capital.

Por se constituírem em uma atividade geradora de renda, as feiras livres são importantes para a manutenção de famílias e para a proliferação de outros comércios, que principalmente, nos dias de feira², ganham amplitude de interações sociais, políticas, culturais e econômicas. São consideradas também, como um lugar onde

² A feira livre de Cruz das Almas acontece aos sábados.

ocorrem inúmeras atividades paralelas, movimento intenso de pessoas, de conversas, de encontros, de manifestações populares, enfim um local de contínuas interações sociais e um espaço utilizado para comercialização e conseqüente sobrevivência de toda uma população. Portanto, a relevância das feiras livres para a economia formal e informal para a cidade e outras cidades circunvizinhas³ despertou o interesse em evidenciar qual a perspectiva da gestão e o planejamento municipal em relação à feira livre de Cruz das Almas.

Para Jesus (1991, p. 12) feira livre é “uma reunião periódica de mercadores que expõem em estruturas versáteis suas mercadorias, utilizando-se para isto a via pública”. É um conceito complexo, principalmente nos dias de hoje que mesmo em situações precárias seja em barracas ou no chão, sofrem influência da globalização ao promover à comercialização de produtos do circuito superior. A disposição dos setores e respectivos produtos da feira livre de Cruz das Almas ocorre da seguinte maneira: em uma cobertura de zinco, logo na entrada da feira localizam-se os feirantes do ramo de confecção, artesanato e calçados. Em seguida, localiza-se o galpão em reforma que será transformado em mercado de arte. Logo após, o mercado com boxes onde os feirantes comercializam cereais, produtos industrializados, ração para animal, beiju, gaiolas, artigos religiosos, carne seca, CDs, DVDs, bebidas, gaiolas, almoço, lanches e por último, agregado ao mercado uns boxes de restaurante. Do lado de toda a área do mercado e dos galpões existem boxes que comercializam uma infinidade de produtos. E nas ruas ao redor de todo o espaço da feira livre, diversos feirantes ocupam os espaços de forma desordenada, inclusive vendendo produtos no chão ou em cima de caixotes sem as mínimas condições de higiene e limpeza.

De acordo com os depoimentos de entrevistados, a feira ocupou outras áreas do centro da cidade, mas não existem registros que comprovem esta informação. A feira livre de Cruz das Almas apresentou momentos de grande importância histórica. Em 1947, o Jornal Tribuna Popular divulgou a construção do mercado municipal para abrigar feirantes do comércio de cereais e de carne. (AGUIAR, 2007). A partir desta

³As cidades são: São Felipe, Muritiba, Conceição do Almeida, Castro Alves, Governador Mangabeira, Cachoeira de São Félix, Cabaceiras do Paraguaçu e Sapeçu.

data o espaço da feira livre começou a apresentar uma nova dinâmica, atraindo outros comércios para dentro e no entorno da feira.

2. A FEIRA LIVRE NO PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO URBANO (PDDU)⁴

Nos anos 1960, considerava-se desenvolvimento urbano como “modernização” em sua forma mais primária, sem nenhuma preocupação com questões ambientais e sociais. Atualmente a visão é outra, o desenvolvimento urbano deve partir não somente do crescimento econômico, mas principalmente pela promoção da distribuição de renda. Sabe-se que a modernização tecnológica não necessariamente produz a redistribuição de renda, por isso, este desenvolvimento deve reconhecer avanços no sistema político, os valores e padrões culturais que resultarão em nível de bem estar e justiça social (SOUZA, 2007). Doravante, as cidades são compostas de espaços que não são formadas por dimensões meramente econômicas, mais também por fatores políticos e culturais.

Para uma cidade, local de grande complexidade nas relações sociais o desenvolvimento urbano é um desafio para a gestão.

[...] uma cidade onde as estruturas de poder, os canais de distribuição de riqueza etc, se mostram viciados e apresentando um nítido viés excludente e de grande injustiça social, e onde a qualidade de vida já se acha ameaçada desde sempre devido à ação desenfreada de grupos de interesse que atentam contra o patrimônio natural ou arquitetônico, pressões quantitativas- mais demandas por moradias, por infra-estrutura, por empregos [...](SOUZA, 2007.p.105)

Estas pressões causam diversos problemas de ordem econômica e social como a pobreza, uma violência urbana sem precedentes e a conversão para os pobres do solo urbano em um meio de produção precário, portanto surge nos anos 50, uma grande pressão da população por reformas urbanas. Estas reformas foram esquecidas no período do golpe militar de 1964 e somente em 1987, foi constituído o Movimento Nacional pela Reforma Urbana (MNRU).

Em 1988, ano que coincide com a autonomia municipal e com a aprovação da Constituição os artigos 182 e 183 foram incluídos dois artigos no capítulo de política

⁴ A nomenclatura PDDU foi utilizada porque consta no documento institucional da Prefeitura Municipal de Cruz das Almas. Como o termo desenvolvimento é questionável, alguns autores utilizam a sigla PDU (Plano Diretor Urbano).

urbana dos municípios. Ao se referir às feiras livres somente nos interessa o primeiro artigo, documento que discorre sobre a obrigatoriedade de um Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), lei municipal obrigatória para população acima de vinte mil habitantes e que explicita questões de planejamento urbano sob a ótica da coletividade. Somente em 10 de julho de 2001 a lei 10.257 do PDDU foi aprovada e especificava as competências do município em relação à sua política urbana e a participação cidadã na gestão da cidade.

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de Cruz das Almas foi reformulado em 2007, descreve como demanda a revitalização do mercado municipal. Segundo depoimentos dos feirantes não houve participação na elaboração deste projeto. Por que isso aconteceu? Portanto, aponta-se por parte da gestão municipal a falta de um planejamento urbano de caráter mais técnico, profissionais éticos e preparados para abraçar uma perspectiva de um autêntico desenvolvimento urbano e ainda a convivência com um aparelho administrativo repleto de injunções políticas e interesses econômicos (SOUZA, 2007).

Em relação ao parágrafo único da lei do PDDU que discorre sobre a gestão democrática através da participação popular (inciso II) percebe-se no caso de Cruz das Almas que a criação do espaço público onde o poder do Estado, no caso do município pudesse ser compartilhado com a sociedade civil ainda é inexpressivo. Basta dizer que na visita às 18 associações do município para o levantamento de demandas em nenhum momento a gestão convocou a Associação de Barraqueiros de Cruz das Almas (ABAFACA) para participar com sugestões sobre a feira livre.

2.1 PROBLEMAS ESTRUTURAIS DA FEIRA LIVRE DE CRUZ DAS ALMAS

No mês de fevereiro de 2011 foram realizadas entrevistas semiestruturadas de caráter qualitativo com representantes do poder público, feirantes, estudiosos da cidade e comerciantes do entorno da feira. As pessoas expressaram sua opinião em relação à gestão da feira livre nos quesitos infraestrutura, organização e limpeza. Além disso, elogiaram, criticaram e sugeriram melhorias para a administração deste complexo mercado periódico.

A feira de Cruz das Almas é gerida pela prefeitura que é representada pelo diretor, pessoa responsável pelas questões de limpeza e organização da feira, portanto, ele está subordinado à Secretaria de Serviços Públicos. Como o espaço da feira representa um complexo de relações sociais, econômicas e culturais, também envolve questões de trânsito e infraestrutura, que são responsabilidade da Superintendência de Trânsito e pela Secretaria de Infraestrutura. Observou-se que o gestor não tem apoio das demais secretarias e da prefeitura, fato que limita sua capacidade de resolução de problemas.

Pelas entrevistas realizadas observou-se que os gestores municipais tinham uma visão limitada e local da feira livre de Cruz das Almas e não planejaram este mercado. Com o crescimento e a dinâmica da cidade os gestores foram surpreendidos, porque a feira passou a ter um raio de atuação regional e demandava outras práticas de gestão municipal.

De acordo entrevistados, a gestão pública tem prioridades em seu governo e a feira livre é um problema estrutural que é resolvido de forma pontual sem atacar a raiz. A demanda por espaço é grande, e não se consegue resolver isso com medidas isoladas. A visão exposta pelos entrevistados demonstra mais uma vez que não existe uma preocupação por parte da gestão com a conscientização destes feirantes sobre as questões de limpeza, conservação de produtos e organização dos espaços da feira.

Diante das declarações observa-se que as pessoas reclamam da gestão, mas por outro lado, não conservam o espaço limpo e organizado. Mais uma vez depara-se com a questão de falta de padronização e a inexistência de normas e processos para manutenção dos espaços da feira livre, mas atrelado a isso, sabe-se também que lidar com pessoas das diferentes culturas e comportamentos é muito complexo. Por isso, a gestão municipal deve utilizar ações educativas de conscientização e em seguida, a punição para os descumpridores; promover a contratação de profissionais técnicos de limpeza para atuar nestes espaços, pois se percebe claramente a existência de uma limpeza precária e sem critérios claros de atuação. Isto deve partir desde a escolha do diretor da feira pelos feirantes, via associação exigindo esta postura do governo.

Reafirma-se a importância da associação ABAFACA, que atualmente é atuante apenas em questões relacionadas aos festejos juninos da cidade.

Confrontando as duas opiniões e a realidade percebida verificou-se que existe falta de cumprimento de dever de ambas as partes, pois além do feirante não manter a limpeza, verificou-se em loco que o trabalho de limpeza é precário e inexistem lixeiras pequenas espalhadas ao longo do percurso da feira livre ou outras ações que possam contribuir para a manutenção destes espaços.

Outra questão que precisa ser complementada em relação à gestão é a consequência da falta de uma equipe técnica que além de não terem o profissionalismo ao cumprir seu papel, não são supervisionados pela gestão. Caso a feira livre tivesse a associação ABAFACA atuante, esta em parceria com o gestor faria este trabalho de acompanhamento e controle. A necessidade desta participação também pode ser útil em todos os benefícios para a feira, inclusive para a construção dos mercados, o exemplo citado acima sobre o tipo de balcão construído inadequadamente raramente aconteceria.

Um representante do poder público que também já foi feirante afirma que de 1970 até os dias de hoje, a municipalidade ainda não conseguiu melhorar a qualidade dos produtos que são vendidos, ou seja, retirar os produtos do chão e criar um mercado produtor. Inclusive ao longo do tempo, os adversários que antes criticaram esta ideia, hoje estão na gestão e também não conseguiram resolver este desconforto para os feirantes e clientes. Ele expõe que o desafio de organizar a feira está perto de ser transposto através do apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e o Ministério das Cidades a junção destes dois ministérios tem tudo a ver com feira e assim pode-se oferecer uma nova cara a este mercado periódico.

Diante dos problemas vivenciados pelos feirantes e necessidade de apoio e resolução por parte da gestão municipal, recomenda-se a discussão das questões relacionadas a feira livre pela gestão municipal e pela sociedade civil, seja representada pela ABAFACA que conhece com propriedade os problemas e sugestões para melhoria deste mercado. Para Calvacanti (2003, p. 09) “as pessoas são o alfa e o ômega de todas as ações da administração pública”. Propiciar esta interface entre a gestão pública e a participação popular é um desafio.

O ideal democrático tradicional não se preocupou em constituir formas efetivas de “participação igual” ou pelo menos “mais igual”, nas decisões públicas. Esse é um desafio a que devemos responder. Na verdade, a realidade do mundo moderno e a grande exclusão social proporcionada pelos regimes tanto democráticos como autoritários apontam a necessidade de mudar esse conceito. Para, principalmente, buscar um conceito de democracia no qual a conquista do governo, por meio do voto popular, não esgote a participação da sociedade, mas, ao contrário, permita iniciar um outro processo, gerando dois focos de poder democrático: um, originário do voto; outro, originário de instituições diretas de participação.[...](GENRO;SOUZA, 1997, p.19-20)

Sugere-se a participação da Associação de Barraqueiros e Feirantes de Cruz das Almas (ABAFACA) na gestão da feira livre através da sugestão e discussão de políticas públicas direcionadas a realidade do feirante, isto sim é considerado um exemplo de sua legitimidade social, um grande passo para o fortalecimento da democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira livre de Cruz das Almas é uma modalidade de comércio com características típicas de circuito inferior da economia. No entanto, o comércio formal e o informal dialogam, se relacionam e se complementam na cidade de Cruz das Almas.

Constatou-se que a feira livre de Cruz das Almas é uma atividade que apresenta problemas estruturais que abrange questões de infraestrutura, organização, limpeza e segurança que perpassam pela deficiente gestão deste espaço público. Sabe-se que gerir um espaço público com inúmeras pessoas de diversas culturas, principalmente quando se refere à feira livre é um desafio para qualquer gestão municipal. Diante destas afirmativas, indaga-se: como melhorar a gestão da feira livre de Cruz das Almas? Esta resposta perpassa por uma gestão profissional dos funcionários envolvidos que em parceria com a ABAFACA, porta de entrada para diálogos com os feirantes e que juntos possam promover a criação de políticas públicas voltadas para este comércio.

Apesar de se apontar inúmeros problemas da feira livre de Cruz das Almas, este mercado apresenta potencialidades e características privilegiadas comparando-o com outras modalidades de comércio. Apresenta uma localização centralizada e de fácil acesso, uma estrutura físico-espacial razoável de 7.011 m². E para tornar a feira livre ainda mais atraente, a cidade abriga a Universidade Federal do Recôncavo (UFRB) e uma das festas juninas mais famosas e frequentadas do nordeste, comprovando que

Cruz das Almas é pólo regional, fato que também oferece a feira livre este mesmo âmbito de análise. O que os gestores públicos devem fazer para aproveitar as potencialidades da feira? Como enfrentar os desafios infraestruturais? Sugere-se a abertura de canais de participação com os feirantes, a criação de projetos em parceria com instituições privadas e não governamentais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Salvador dos Santos. **A feira livre enquanto centralidade**: o caso de Cruz das Almas-Ba. 63 p. Monografia (Licenciatura em Geografia) - Faculdade Maria Milza, Cruz das Almas, 2007.

ASSIS, Lenilton Francisco de. ARAÚJO, Francinelda Ferreira de. **Centralidade do comércio na cidade pequena nordestina**: o caso da feira livre de Varjota (Ceará/Brasil), 2009.

CAVALCANTI, B.S, Prefácio. In: VERGARA, S.C; CÔRREA, V.L.A(org), 2003. Propostas para uma Gestão Pública municipal efetiva. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. **O comércio informal e a cidade**. In: II SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA "PERSPECTIVAS PARA O CERRADO NO SÉCULO XXI" Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia 26 a 29 de Novembro de 2003.

GENRO, Tarso; SOUZA, Ubiratan. **Orçamento participativo**: a experiência de Porto Alegre. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. **O lugar da feira livre nas grandes cidades capitalistas**: conflitos, mudanças e persistências. 250 p. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

PIRENNE, Henri. **História Econômica e Social da Idade Média**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Economia Espacial**: críticas e alternativas. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Editora Record, 2000.

SANTOS, Reginaldo Souza; RIBEIRO, Elizabeth Matos; SANTOS, Thiago Chagas Silva. Bases teórico-metodológicas da administração política. **Revista de Administração Política-RAP**. Rio de Janeiro, v.2, n.1, abril 2009.

SANTOS, Reginaldo Souza et. al. Reestruturação Produtiva do Estado brasileiro na perspectiva neoliberal. **Revista de Administração Pública- RAP**. Rio de Janeiro, vl. 38, n 1, jan-fev. 2004.

SANTOS, Cláudio Ressureição; PINHEIRO, Josemare Pereira dos Santos; SANTOS, Fábio Salvador dos. **A feira livre enquanto centralidade e sua inserção na rede de mercados periódicos: o caso da feira livre do distrito de São José do Itaporã Muritiba-Ba**. In: 2º SIMPÓSIO O RURAL E O URBANO NO BRASIL, 2009, Rio de Janeiro.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.